

## “E ELE SERÁ CHAMADO PELO NOME DE EMANUEL”: O NARRADOR E JESUS CRISTO NO EVANGELHO DE MATEUS<sup>1</sup>

João Cesário Leonel FERREIRA<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo estuda o narrador no evangelho de Mateus e sua relação com o protagonista da obra – Jesus Cristo. O narrador coloca-se em segundo plano no desenrolar da trama e desenvolve técnicas para que o personagem principal ocupe espaço de proeminência. A minimização da presença do narrador, antes de se transformar em debilidade textual, produz abertura do texto ao leitor. Desse modo, as estratégias estabelecidas visam atrair o leitor para que participe da trama. O trabalho se desenvolve ao identificar o gênero literário ao qual pertence o evangelho como biografia greco-romana. Analisa o narrador, seu foco narrativo e a forma como organiza o evangelho em blocos narrativos e discursivos a partir da fonte principal, o evangelho de Marcos. Por fim, explicita estratégias literárias através da comparação entre os textos de Mateus e Marcos, demonstrando como elas apontam para propósitos retóricos específicos que o narrador deseja gerar nos leitores.

**ABSTRACT:** This article studies the narrator of the Gospel of Matthew and its relationship with its main character – Jesus Christ. The narrator put himself in a secondary place, and develops some mechanisms so that the main character may occupy a prominent role. The downsizing of the narrator is not a textual frailty. Rather, it produces an opening of the text to the reader. Thus, these strategies aim to attract the reader to participate in the plot. It also defines the literary genre of the Gospel as a Greek-Roman biography. Besides, it identifies the narrator, its narrative focus and how he organizes the gospel in discursive and narrative blocks from its main source, viz., the Gospel of Mark. As an ending, the dissertation explains the literary strategies through an comparison between the texts of Matthew and Mark, giving evidence of how they point to specific rhetoric purposes the narrator wish to generate in the readers.

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem sua gênese e se desenvolve frente ao consenso teológico comum com respeito ao evangelho de Mateus. Ele é visto caracteristicamente como um texto de cunho didático, catequético. As citações abaixo confirmam o enunciado.

No evangelho de Mateus existem, pois, seis grandes unidades discursivas. Como tais, são obra redacional do evangelista, que, sobre base temática, recolheu dados do Senhor esparsos. Aparece, pois, manifesto o *acentuado interesse doutrinal do evangelista* (Barbaglio, 1990, p. 51, grifo nosso).

O evangelho segundo Mateus pode ser descrito como um *manual de instrução sobre o estilo de vida cristã* que o autor concebe como revelação de Deus manifesta em Jesus Cristo, dada a Israel e preservada nas sagradas escrituras (Beare, 1981, p. 5, grifo e tradução nossos).

---

<sup>1</sup> Título de tese de doutorado, aqui sob forma de resumo, apresentada ao Programa de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem e defendida em 13/03/2006 sob a orientação da profa. Dra. Suzi Frankl Sperber.

<sup>2</sup> Professor no Instituto Presbiteriano Mackenzie, SP.

Comparado ao evangelho de Marcos, Mateus seria um livro sem brilho e monótono. É a conclusão a que chega Sean Freyne: “Há muito tempo se reconhece que ao reescrever a narrativa de Marcos Mateus adotou um estilo menos vivo, mais hierático e distanciado que o de Marcos” (1996, p. 68).

A problematização surge diante de tais postulados. O evangelho de Mateus é, de fato, em termos narrativos, mais limitado e retoricamente desprovido em relação a Marcos? Seu caráter supostamente didático, com forte ênfase no ensino de Jesus, o torna desinteressante e menos efetivo junto aos leitores?

A resposta que este artigo constrói é negativa. Mais do que isso, ela se edifica em oposição ao consenso estabelecido em direção a uma proposição positiva. O caminho escolhido para seu desenvolvimento é a identificação e especificação do papel do narrador no evangelho. Não apenas isso, mas a relação que estabelece com o protagonista - Jesus Cristo. A delimitação, portanto, se firma na opção em trabalhar o texto evangélico com recursos crítico-literários e, de modo específico, ao eleger para tal desenvolvimento o estudo da presença e papel do narrador no evangelho de Mateus.

O título do trabalho, composto de duas partes complementares, propõe a resolução do problema. A primeira aponta para o personagem principal através da referência ao texto da Narrativa da Infância: “Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (*que quer dizer: Deus conosco*)”<sup>3</sup> (Mateus 1.22-23, grifo nosso). Citação originária do profeta Isaías 7.14.

“O narrador e Jesus Cristo no evangelho de Mateus” indica como o texto desenvolve estratégias em busca de seus objetivos. Esse será o alvo principal do estudo - explicitar como o narrador é construído, suas características e como atinge o intento de apresentar a centralidade da pessoa de Jesus Cristo de modo a produzir no leitor um vínculo de proximidade com o protagonista.

Uma nota final a esta introdução se faz necessária. Não me proponho a comentar o conteúdo do texto bíblico em termos teológicos. Nesse sentido, há uma clara consciência de limites estabelecidos que devem ser obedecidos. Mais do que o conteúdo, o trabalho está interessado na forma como o texto se apresenta. Portanto, as comparações entre os textos de Marcos e Mateus atentarão para o objetivo específico aqui explicitado. É necessário salientar o procedimento, porque tais comparações já foram e são trabalhadas por biblistas. No entanto, como os objetivos são diferentes, os resultados, igualmente, o serão.

## 2. EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO: A QUESTÃO DO GÊNERO

Historicamente, várias propostas de gênero literário têm sido aventadas para identificar o evangelho de Mateus. Dentre elas a de entendê-lo como um gênero próprio do cristianismo, nascido das afirmações de fé das primeiras comunidades cristãs, sem qualquer relação com gêneros da Antiguidade; outra proposição vê o evangelho como

---

<sup>3</sup> O texto bíblico utilizado é o da **Bíblia Sagrada**. 2. ed. rev. e atualizada, tradução de João Ferreira de Almeida. Baurer: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

uma coletânea de leituras litúrgicas, sob o modelo das leituras sinagogaís; alternativa às anteriores é a que vincula o evangelho ao gênero da biografia greco-romana e suas variantes (Moreschini; Norelli, 1996, v. 1, p. 82-83). Devido à limitação de espaço, das propostas acima, apenas a última será considerada a seguir.

## 2.1. Mateus como biografia greco-romana

O estudo dos evangelhos permite a qualquer leitor, com um mínimo de atenção, a constatação de que neles se atribui um papel central ao personagem Jesus Cristo. Afinal, os evangelhos narram sua história de tal forma e com tal intensidade que o narrador mantém durante toda a narrativa o foco centrado em Jesus. Todos os elementos: cenários, indicações cronológicas e personagens gravitam em torno daquele que é o centro da história. Os locais surgem como o espaço onde Jesus atua; as indicações temporais permitem aos leitores a percepção da dinâmica de seu ministério; e os demais personagens ganham consistência apenas quando em relação com o protagonista.

A partir dessas observações propõe-se que o evangelho seja classificado dentro do gênero “biografia greco-romana”. O termo “biografia”, como nomeação específica de gênero literário, não foi cunhado até o final do século V d.C. Para Köster, Burridge e Lesky, a biografia grega nasceu no século IV a.C. com Aristoxeno<sup>4</sup>, filósofo peripatético e aluno de Aristóteles (1988, p. 183; 1999, p. 72; 1969, p. 721-722). Ele escreveu, entre outras, as biografias de Pitágoras, Sócrates e Platão. A biografia romana surgiu sob influência de sua congênera grega. É provável que tenha penetrado em Roma por volta do século I a.C. (Momigliano, 1993, p. 103). Atribui-se a Cornélio Nepo<sup>5</sup>, historiador romano, sua paternidade (Burridge, 1999, p. 76).

Seguindo a descrição da biografia greco-romana por Charles Talbert (1988, p. 55-60; 1992, v. 1, p. 746-748), pode-se dizer que ela possui como elementos centrais: um biografado cuja figura seja “distinta ou notória (reis, generais, filósofos, figuras literárias, legisladores, santos) e que o objetivo da exposição deve ser a essência da pessoa” (Talbert, 1988, p. 55, grifo do autor, tradução nossa). Um segundo elemento central de caracterização é a “seletividade” com a qual a biografia era escrita.

Por outro lado, há os elementos secundários. Em primeiro lugar, a não-obrigatoriedade da descrição de toda a vida do biografado. Em segundo, “o herói é descrito por intermédio de suas ações e também por meio de gestos insignificantes ou de palavras sem importância” (Talbert, 1988, p. 56, tradução nossa). Terceiro, “não há praticamente nenhum interesse em traçar o desenvolvimento do biografado” (Talbert, 1988, p. 56, tradução nossa). Quarto, “algumas biografias tinham como objetivo afetar o comportamento ou opinião de seus ouvintes positiva (cf. Plutarco) ou negativamente (cf. *Alexandre*<sup>6</sup>, de Luciano de Samosata). Quinto, “a ‘vida’ de um biografado poderia ser descrita em termos mitológicos” (Talbert, 1988, p. 57, tradução nossa). Sexto, “a forma literária na qual as ‘vidas’ são apresentadas é variável, embora a forma dominante seja a narrativa em prosa similar à história” (Talbert, 1988, p. 57, tradução nossa).

---

<sup>4</sup> Cerca de 350 a.C.

<sup>5</sup> 99 a.C – 24 a.C.

<sup>6</sup> Escrito por volta de 180 d.C., critica um falso sacerdote de Asclépio que empresta seu nome ao título da obra.

Sétimo, “antigas biografias exerciam uma multiplicidade de funções sociais” (Talbert, 1988, p. 57, tradução nossa).

Da comparação dos critérios elaborados por Talbert com o evangelho de Mateus pode-se concluir, quanto à forma, que o evangelista trabalhou “seletivamente” o material na composição do evangelho. Tal certeza se depreende da relação sinótica entre Mateus e suas fontes. Da principal delas, o evangelho de Marcos, o evangelista mantém quinhentos e oito versículos, de um total de seiscentos e sessenta e um. Cento e cinquenta e três são omitidos. Os textos provenientes de Marcos recebem retoques, alterações e ampliações, permitindo que participem dos propósitos pelos quais Mateus foi escrito. Além disso, o evangelista selecionou outro material que não compartilha com os demais evangelistas, usualmente intitulado de fonte M, em um total de 330 versículos, o que representa quase trinta e um por cento em relação aos mil e sessenta e oito versículos que compõem o evangelho<sup>7</sup>. Pela mera indicação dos números pode-se perceber que há, quantitativamente, um processo seletivo evidente.

Outro aspecto relativo à forma se manifesta no modo como o evangelho é desenvolvido cronologicamente. Conforme enuncia Talbert, não havia interesse em traçar o desenvolvimento do biografado, dentro de um quadro cronológico, entre os escritores greco-romanos. Daí as biografias não apresentarem um rígido esquema temporal. Este era substituído por uma abordagem temática.

Tal aspecto formal é claramente visível em Mateus. Quais são as indicações de tempo e espaço? A genealogia, que vincula Jesus à história de seu povo, o faz de modo artificial ao relatar que “[...] todas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze; desde Davi até ao exílio na Babilônia, catorze; e desde o exílio na Babilônia até Cristo, catorze” (1.17). Quanto ao tempo e ao local do nascimento da criança, apenas se anuncia que nasceu “[...] em Belém da Judéia, em dias do rei Herodes [...]” (2.1). Da infância, cujo último relato informa o retorno da família do Egito, passando a residir em Nazaré da Galiléia (2.22-23), passa-se imediatamente para a vida adulta, quando o Cristo, homem feito, apresenta-se a João Batista para ser batizado no rio Jordão (3.13). Esse momento é registrado cronologicamente com a expressão genérica: “Por esse tempo [...]”.

Último elemento quanto à forma do evangelho de Mateus, e que, segundo Klaus Berger, tem recebido pouca atenção dos estudiosos (1998, p. 313), é a apresentação de Jesus continuamente acompanhado por discípulos. Para Burridge, o escrito tinha origem entre participantes de um grupo após a morte de seu líder, com o objetivo de manter e de seguir seu exemplo (1999, p. 80). Em boa parte das vezes isso ocorria em círculos filosóficos.

É significativo que após o batismo e a tentação de Jesus (3.13-17; 4.1-11), que introduzem seu ministério público (4.17), o evangelista insira o chamado dos primeiros discípulos, a dupla de irmãos Pedro e André, Tiago e João (4.18-22). Eles já estão com Jesus no momento em que profere o primeiro discurso registrado no evangelho (cp. 5-7). Outros discípulos são citados sem que se mencione seus nomes (5.1; 8.23). Em 9.9 há outro chamado, o do coletor de impostos Mateus. Em 10.1-4 Jesus escolhe 12

---

<sup>7</sup> Os restantes duzentos e trinta versículos dizem respeito ao material que Mateus compartilha com Lucas, proveniente da chamada fonte Q.

discípulos, aos quais se atribui o título de apóstolos, alistando seus nomes. Eles são ensinados durante todo o ministério de Jesus, ênfase didática do evangelho, e este, ressurreto, atribui a eles a missão de transmitirem os ensinamentos a outros, do mesmo modo como os receberam (28.19-20). Tais descrições aproximam o evangelho de Mateus das biografias de filósofos, escritas para propagar os seus ensinamentos e os de suas escolas.

Passando à análise de conteúdo do evangelho, tem-se como ponto principal na biografia a apresentação do caráter do biografado, a revelação de sua essência. A descrição se dá de forma acabada. O personagem principal surge e, no transcorrer do texto, permanece inalterado (Berger, 1998, p. 313). Não há interesse em mostrar como evoluiu, assimilou valores e permitiu-se transformar na interação com pessoas e situações.

Ao invés de traçar o desenvolvimento do personagem, antigos escritos biográficos, de Platão em diante, geralmente começavam e terminavam com a vida adulta do personagem [...] Os evangelhos também mostram pouco interesse no desenvolvimento do personagem, apresentando Jesus, do começo ao fim de seu ministério, essencialmente do mesmo modo, fazendo com que suas ações e palavras mostrem o tipo de pessoa que ele era (Stanton, 1974, p. 123, tradução nossa).

A citação apresenta dois elementos essenciais. O primeiro, confirmando o que foi dito no parágrafo acima, indica o elemento uno, imutável e final com o qual o protagonista é descrito. O segundo aponta o caminho pelo qual seu caráter se manifestava nas biografias greco-romanas. “Nos escritos biográficos antigos (incluindo Mateus), há uma convenção profundamente enraizada pela qual as ações e palavras de uma pessoa definem o caráter de um indivíduo mais adequadamente do que os comentários de um observador” (Stanton, 1992, p. 70, grifo do autor, tradução nossa). A organização do evangelho de Mateus se ajusta perfeitamente ao objetivo de realçar tais características. Dividido em blocos narrativos e discursivos<sup>8</sup>, dá a conhecer, mediante a exposição da vida de Jesus Cristo, suas ações e palavras.

Os exemplos apresentados para ilustrar as funções do evangelho enquanto biografia greco-romana apontam para os objetivos pelos quais o texto foi escrito. Ao fazê-lo, o evangelista trabalhou com dois horizontes: o da história e o dos leitores. Usando a terminologia de Genette, no texto narrativo há a presença da história propriamente dita e da narração, o modo pelo qual o narrador conta a história de modo particularizado (1995, p. 25). Como biografia, o evangelho exerce o papel de atualizar as palavras e ações de Jesus junto aos leitores dos anos 80 d.C.

### 3. O NARRADOR E A ORGANIZAÇÃO DO EVANGELHO DE MATEUS

Neste ponto do trabalho o foco volta-se para o narrador do evangelho. A relação com os leitores por meio do foco narrativo é explicitada por Scholes e Kellogg ao afirmarem que

---

<sup>8</sup> Textos narrativos: cp. 1-4; 8-9; 11-12; 14-17; 19-23; 26-28. Textos discursivos: 5-7; 10; 13; 18; 24-25.

[...] para o romancista, o ponto de vista é a maneira primária de ele controlar e modelar seus materiais. Uma vez feita, sua escolha de ponto de vista e do gênero de linguagem que lhe convém, irá afetar sua apresentação de personagem, incidente e de todas as outras coisas representadas. Para o leitor, porém, ponto de vista não é uma questão estética, mas um modo de percepção. O ponto de vista num determinado romance controla a impressão que o leitor tem de tudo o mais (1977, p. 193).

Embora o evangelho não possa ser considerado um romance, compartilha com o gênero estratégias retóricas de ficção que permitem aplicar a ele a citação acima<sup>9</sup>. Dela destacam-se os dois ângulos pelos quais o foco narrativo é observado. Para o narrador, é um conjunto de estratégias para trabalhar seu material de forma a apresentar os personagens e incidentes na narrativa. Para o leitor, o foco narrativo constitui-se no direcionamento a que se submete na leitura e na compreensão do texto. O desenvolvimento seguinte focará esses dois aspectos que serão analisados conjuntamente dentro da dinâmica narrador – leitor.

O narrador trabalha a partir de alguns elementos para promover o destaque de Jesus Cristo. A proposta central deste trabalho, que será apresentada neste ponto e desenvolvida no próximo, é que o narrador em terceira pessoa, por opção, coloca-se em segundo plano na narrativa. Robert Alter aborda a questão ao apresentar três formas pelas quais o narrador pode registrar informações sobre personagens:

Em narrativas na terceira pessoa de cunho confiável, como aquelas presentes na Bíblia, há uma escala de sentido, em ordem ascendente de clareza e certeza, para comunicar informações sobre motivos, atitudes e natureza moral dos personagens [...] O nível mais baixo da escala – o personagem revelado por meio de ações ou aparência – deixa-nos substancialmente no campo da inferência. A categoria do meio, envolvendo discurso direto pelo próprio personagem ou por outros sobre ele, conduz-nos da inferência para a avaliação de afirmações [...] Finalmente, no topo da escala ascendente, nós temos a afirmação explícita do narrador confiável daquilo que os personagens sentem, pretendem fazer, desejam [...] (Alter, 1981, p. 116-117, tradução nossa).

É intrigante perceber que o narrador em Mateus faz uso das duas primeiras categorias apresentadas por Alter, conforme a identificação do gênero literário permitiu reconhecer. A descrição de “ações ou aparência” do personagem, e o “discurso direto pelo próprio personagem”, são opções que se abrem para uma não explicitação narrativa, enquanto o narrador praticamente despreza “a afirmação explícita [...] daquilo que os personagens sentem, pretendem fazer, desejam”, que é a forma mais direta de fornecer informações ao leitor sobre os atores. Como consequência das escolhas, os leitores são lançados no “campo da inferência” ou, pelo menos, chamados a “avaliar as afirmações” dos personagens. A constatação possui importantes implicações que serão desenvolvidas posteriormente.

Cabe agora especificar a relação entre o narrador e o protagonista do evangelho de Mateus. No final do primeiro evangelho há o relato da ressurreição de Jesus Cristo (28.1-10). Esse é o ponto alto do texto, manifestando que o Senhor a quem aqueles homens, mulheres e crianças seguiram em caminhadas pela Palestina, morto pela intriga

---

<sup>9</sup> Cf. o estudo de Paul Ricoeur que propõe tanto para o texto ficcional quanto para o histórico componentes idênticos na composição do enredo (1978, p. 177-202).

e ciúmes dos religiosos judeus e pelo poder imperial do exército romano, não permaneceu na tumba, mas voltou à vida ao terceiro dia.

Contudo, essa não é a cena final. Há o comissionamento dos apóstolos para fazerem discípulos de todas as nações (28.18-20). A “Grande Comissão”, como é conhecida a passagem, encontra-se nos outros três evangelhos, embora o de João seja bem diferente dos demais. De particular importância neste momento são os últimos versículos de cada evangelho colocados em colunas paralelas abaixo.

Mateus 28.20	Marcos 16.19-20	Lucas 24.50-53
E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.	19 De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus. 20 E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra por meio de sinais, eu se seguiam.	50 Então, os levou para Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou. 51 Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles, sendo elevado para o céu. 52 Então, eles, adorando-o, voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo; 53 e estavam sempre no templo, louvando a Deus.

A parte final dos textos é fundamental. Enquanto Marcos e Lucas anotam a ascensão de Jesus aos céus, o primeiro relatando a partida subsequente dos apóstolos para pregar, e o segundo o retorno deles para Jerusalém, Mateus não apresenta tal registro. Mateus não narra a ascensão. Em seu lugar registra as últimas palavras de Jesus: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (v. 20). O Jesus mateano simplesmente não ascende aos céus! Ele permanece com os seus. Note-se que ele está não apenas com os apóstolos, mas com todos os que o seguem e seguirão, “[...] até a consumação dos séculos”.

A presença do Jesus ressurreto entre os seus não é uma ênfase apenas desse texto do evangelho em particular. Ela se manifesta em outros lugares, constituindo-se em um dos destaques do livro. Por exemplo, no primeiro capítulo há uma referência na interpretação do nascimento virginal do menino Jesus pelo narrador como cumprimento da profecia de Isaias 7.14, pela qual a criança deveria ser chamada de “Emanuel”, traduzida como “Deus conosco” (1.23). As referências no início e no final do evangelho (28.20) indicam a tônica com a qual o narrador deseja seja lido o evangelho de Mateus: a consciência da presença do Jesus glorificado entre seus seguidores.

Dos dados acima conclui-se que a ocorrência de textos em Mateus que tematizam a presença de Jesus entre os seus discípulos constrói uma perspectiva única em relação aos demais evangelhos. Para o narrador, mais importante do que relatar a ascensão de Jesus é o registro de que ele continua entre os discípulos, constituindo-se essa ênfase em uma chave de leitura do evangelho. Esse aspecto poderia ser desenvolvido em uma perspectiva teológica, mas o que interessa para este trabalho é a relação que se pode construir entre a presença de Jesus Cristo ressurreto na Igreja e o narrador do evangelho. Como esse dado pode interferir na narrativa?

O narrador mateano não apresenta a história meramente como acontecimentos circunscritos ao passado. Através da ressurreição e a não descrição da ascensão de Jesus ao céu, este se insere no presente da comunidade. Para Carter: “Embora Jesus não esteja fisicamente presente, sua presença continua por meio da narrativa do evangelho de suas palavras e ações [...]” (2002, p. 681). O relato sobre sua vida é descrito de modo a destacar a relevância de sua presença entre aqueles que lêem o evangelho. O papel do narrador, por decorrência, não consiste em falar “sobre” Jesus, mas em permitir que por intermédio do texto os leitores entrem em contato direto com o Senhor vivo entre eles. Portanto, a transformação radical do evangelho de Marcos pelo narrador de Mateus apresenta aquilo que se poderia chamar de uma “cristologia da presença”. Dessa forma, Jesus Cristo torna-se uma espécie de co-narrador do evangelho.

### 3.1. Organização do evangelho de Mateus em blocos narrativos e discursivos

Um ponto de partida para o estudo das estratégias narrativas utilizadas em Mateus é o retorno à conclusão do item anterior. Ali se constatou que o gênero biográfico se fundamenta no realce de seu personagem principal. O evangelista, ao escolher tal gênero, apresenta igual propósito. Dessa forma, organizou o evangelho em grandes blocos divididos entre narrativas e discursos. As narrativas são mediadas pelo narrador, enquanto que sua presença é bem menor nos discursos, onde a palavra se encontra nos lábios de Jesus.

#### 3.1.1. Organização dos blocos narrativos

Em Mateus os blocos narrativos<sup>10</sup> são compostos essencialmente de cenas que, por sua vez contêm, na grande maioria das vezes, diálogos de Jesus. Estes poderiam ser transcritos de vários modos segundo Genette. Poderia ser um discurso narrativizado ou contado, redigido por meio das palavras e dos termos do próprio narrador; relatado, no qual o narrador finge ceder literalmente ao seu personagem a palavra; ou transposto em estilo indireto, situado entre o primeiro e o terceiro tipo de discurso (1995, p. 169-171). O narrador em Mateus utiliza quase sempre a segunda categoria<sup>11</sup>. Ao proceder dessa forma, abdica do primeiro plano narrativo e transfere a palavra a Jesus, passando a exercer uma mediação diminuta. Para exemplificar o papel do narrador em cenas contendo diálogos, leia-se o texto a seguir.

<b>Mt 15.21-28</b>
<p>21 Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e Sidom.  22 E eis que uma mulher Cananéia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada.  23 Ele, porém, não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem clamando atrás de nós.  24 Mas Jesus respondeu: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.</p>

<sup>10</sup> Cf. nota n. 8.

<sup>11</sup> Há exceções onde a cena é descrita em forma de discurso narrativizado. Ex: 10.1-4; 27.57-58.

25 Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me!  
26 Então, ele, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.  
27 Ela, contudo, replicou: Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos.  
28 Então, lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã.

A passagem indica a presença do narrador: na introdução, especificando dados geográficos do deslocamento de Jesus, e de modo extremamente genérico a pessoa que o procura – uma mulher cananéia –; ao apresentar as falas durante o diálogo; e na conclusão, indicando o resultado da entrevista da mulher com Jesus Cristo: “desde aquele momento, sua filha ficou sã”. Não há maiores descrições, introspecções, avaliação de personagens etc.

Robert Alter, focando textos bíblicos em geral, mas com aplicação em Mateus, lembra que há menor presença narrativa em relação aos diálogos em textos bíblicos (1981, p. 65). Ainda:

A narração é, dessa forma, relegada à função de confirmar afirmações feitas no diálogo [...] Com respeito às proporções da narrativa, a narração em terceira pessoa é freqüentemente usada apenas como uma ponte para unidades muito maiores de discurso direto (Alter, 1981, p. 65, tradução nossa).

Um tipo de sumário utilizado em Mateus, de importância para a relação entre agrupamentos narrativos e discursivos, é aquilo que os biblistas chamam de “fórmulas de conclusão” (Hagner, 1993, v. 1, p. 192; Luz, 1993, v. 1, p. 582), embora eu prefira, sem negar a definição anterior, denominá-las de “fórmulas de transição”, como Carter (2002, p. 258), por relacionarem os textos que as precedem com aqueles que as sucedem. São eles: 7.28; 11.1; 13.53; 19.1 e 26.1. Os sumários apresentam variações da frase: “Quando Jesus acabou de proferir estas palavras [...]”.

Através dos sumários o narrador conecta os segmentos discursivos aos narrativos. Para tanto, divide-os em duas cláusulas, a primeira mantendo ligação com o discurso concluído – “E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras [...]” – e a segunda apontando para o que segue – “[...] deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia, além do Jordão” (19.1 e paralelos). Uma segunda função é marcar de modo formal o final dos discursos, que assim recebem destaque especial.

O narrador, ao estruturar seu texto em blocos narrativos e discursivos, não os deixa isolados uns dos outros. Para tanto, cria sumários que estabelecem conexões entre eles. Ao mesmo tempo, o faz de modo a preservar a ênfase nos discursos de Jesus.

### 3.1.2. Organização dos blocos discursivos

Voltando o foco para os discursos, do ponto de vista quantitativo há uma profunda diferença entre os de Marcos e aqueles presentes em Mateus. Marcos relata os discursos sobre as parábolas, capítulo 4; sobre a humildade e os escândalos, 9.33-50; e o escatológico, capítulo 13. Mateus, por sua vez, promove acréscimos ao capítulo 4 de Marcos em seu correlato no capítulo 13; a 9.33-50 em seu paralelo no capítulo 18,

expandindo o texto com os versículos 4, 7 e o bloco de 10-35<sup>12</sup>; e ao capítulo 13, discurso escatológico, acrescentando os versículos 37-51 do capítulo 24 e todo o capítulo 25.

Mais do que promover a expansão dos discursos emprestados de Marcos, o narrador mateano inclui outros, provenientes em sua maior parte da fonte Q<sup>13</sup>. São eles: o Sermão do Monte, capítulos 5 a 7, e o discurso sobre a missão dos discípulos, capítulo 10, para o qual absorve apenas Mc 3.13-19 e 6.8-11, situados em um contexto não-discursivo.

Há discussões a respeito de como considerar o capítulo 23. Raymond Brown, por exemplo, o inclui em um bloco narrativo formado pelos capítulos 19 a 23 sob o título de “Narrativa combinada com muito diálogo” (cf. 2004, p. 262). Rienecker é de outra opinião. Para ele o texto deve ser identificado como “discurso”.

A constatação da maior ocorrência de discursos, seja expandindo os de Marcos ou acrescentando material provindo da fonte Q, deve aprofundar-se inicialmente a partir do indicador quantitativo. Os dados revelam a ênfase no ensino de Jesus e em sua pessoa. Mas é necessário evoluir para uma análise mais detalhada. No caso dos textos narrativos, a opção pela cena, com ênfase nas ações e ainda mais nos diálogos, evidencia a opção pela retração narrativa em favor da expansão da voz do personagem. Nos discursos, o processo é elevado ao grau máximo. Em grandes porções do evangelho ouve-se a voz isolada de Jesus não mais acompanhada de interlocutores. Fazendo uso do tempo presente, o protagonista recebe do narrador o direito à manifestação de seu ponto de vista, que é central para o texto, acima mesmo daquele do narrador. Embora faltem elementos informativos que poderiam ser complementados pelo narrador, o texto ganha em riqueza na interação volitiva com os leitores.

Robert Alter esclarece que essa estratégia comunicativa conduz o leitor a uma maior participação na trama do evangelho, propondo a inferência a partir das ações ou a avaliação diante das afirmações do protagonista. Tal estratégia, quando o narrador não releva tudo quanto o leitor gostaria de saber, fazendo com que o texto se abra e o convide a exercer seu juízo e participação, lembra a imagem descrita por Umberto Eco sobre o caráter da narrativa como uma caminhada em um bosque, entendido como “[...] um jardim de caminhos que se bifurcam” (2001, p. 12), onde sempre se apresentam ao andarilho opções diante das árvores à sua frente.

#### **4. O NARRADOR APRESENTA JESUS: ESTRATÉGIAS LITERÁRIAS**

Neste tópico, como etapa final do tema proposto, será feita uma análise exemplificativa do evangelho. Os segmentos textuais serão divididos em dois grandes blocos, conforme estabelecido no ponto anterior, estratégias narrativas e discursivas.

---

<sup>12</sup> O narrador em Mateus efetua alguns cortes no texto marcano, como os versículos 34-35, 38-41, 44-46 e 49, além de deslocar o versículo 50 para 5.13. Mesmo assim, o acréscimo de 27 versículos supera os 11 que foram excluídos.

<sup>13</sup> Como a fonte Q é hipotética, ou seja, sua existência é pressuposta pela comparação de textos presentes em Mateus e Lucas apenas, não é possível saber com certeza quando os autores estão usando-a literalmente, excluindo ou incluindo material nela.

#### 4.1. Estratégias narrativas

O narrador efetua alterações nos segmentos narrativos do evangelho de Marcos que consistem na redução dos comentários do narrador marcano, na ampliação dos diálogos de Jesus e na transformação do discurso indireto de Marcos em direto por Mateus. Em virtude da restrição de espaço, será apresentado apenas um exemplo de cada estratégia.

##### 4.1.1. Redução dos comentários narrativos

Em consonância com a proposta do trabalho, a opção por resumir os comentários narrativos em Marcos acresce valor ao estilo desenvolvido pelo narrador mateano por diminuir sua mediação, levando conseqüentemente os leitores ao contato direto e à avaliação das ações e palavras de Jesus Cristo.

Mateus	Marcos
<p style="text-align: center;">8.28-34</p> <p>28 Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados, saindo dentre os sepulcros, e a tal ponto furiosos, que ninguém podia passar por aquele caminho.</p> <p>29 E eis que gritaram: Que temos nós contigo, ó Filho de Deus! Vieste aqui atormentar-nos antes de tempo?</p> <p>30 Ora, andava pastando, não longe deles, uma grande manada de porcos.</p> <p>31 Então, os demônios lhe rogavam: Se nos expeles, manda-nos para a manada de porcos.</p> <p>32 Pois ide, ordenou-lhes Jesus. E eles, saindo, passaram para os porcos; e eis que toda a manada se precipitou, despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, e nas águas pereceram.</p>	<p style="text-align: center;">5.1-20</p> <p>1 Entrementes, chegaram à outra margem do mar, à terra dos gerasenos.</p> <p>2 Ao desembarcar, logo veio dos sepulcros, ao seu encontro, um homem possesso de espírito imundo, 3 o qual vivia nos sepulcros, e nem mesmo com cadeias alguém podia prendê-lo;</p> <p>4 porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram quebradas por ele, e os grilhões, despedaçados. E ninguém podia subjugá-lo.</p> <p>5 Andava sempre, de noite e de dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras.</p> <p>6 Quando, de longe, viu Jesus, correu e o adorou, 7 exclamando com alta voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuuro-te por Deus que não me atormentes!</p> <p>8 Porque Jesus lhe dissera: Espírito imundo, sai desse homem!</p> <p>9 E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião é o meu nome, porque somos muitos.</p> <p>10 E rogou-lhe encarecidamente que os não mandasse para fora do país.</p> <p>11 Ora, pastava ali pelo monte uma grande manada de porcos.</p> <p>12 E os espíritos imundos rogaram a Jesus, dizendo: Manda-nos para os porcos, para que entremos neles.</p> <p>13 Jesus o permitiu. Então, saindo os espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada, que era cerca de dois mil, precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, onde se afogaram.</p> <p>14 Os porquinhos fugiram e o anunciaram na cidade e</p>

<p>33 Fugiram os porqueiros e, chegando à cidade, contaram todas estas coisas e o que acontecera aos endemoninhados.</p> <p>34 Então, a cidade toda saiu para encontrar-se com Jesus;</p> <p>e, vendo-o, lhe rogaram que se retirasse da terra deles.</p>	<p>pelos campos.</p> <p>Então, saiu o povo para ver o que sucedera.</p> <p>15 Indo ter com Jesus, viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido, em perfeito juízo; e temeram.</p> <p>16 Os que haviam presenciado os fatos contaram-lhes o que acontecera ao endemoninhado e acerca dos porcos.</p> <p>17 E entraram a rogar-lhe que se retirasse da terra deles.</p> <p>18 Ao entrar Jesus no barco, suplicava-lhe o que fora endemoninhado que o deixasse estar com ele.</p> <p>19 Jesus, porém, não lho permitiu, mas ordenou-lhe: Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti.</p> <p>20 Então, ele foi e começou a proclamar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera; e todos se admiravam.</p>
---	--

Esse texto representa de modo clássico a redução da presença do narrador marcano na transcrição em Mateus. Preliminarmente, é característica a duplicação de endemoninhados por Mateus (v. 28). Marcos registra apenas um. Após a introdução com a descrição dos endemoninhados, Mateus suprime os dados fornecidos pelo narrador de Marcos, como o histórico de vida do homem entre os sepulcros, a força sobrenatural diante da qual não conseguiam prendê-lo, sua existência como andarilho, isolado da sociedade, vivendo entre os sepulcros e os montes da região, e sua reação ao ver Jesus (v. 3-6).

O narrador mateano retoma Marcos a partir do versículo 7, introduzindo o discurso direto dos homens (v. 29). Nova supressão elimina a explicação do pedido do endemoninhado para que não fosse atormentado (v. 7) – Jesus ordenara ao espírito que saísse do homem (v. 8) –, a pergunta de Jesus pelo nome do espírito (v. 9) e novo pedido deste para que Jesus não os mandasse para fora do país (v. 10).

Mateus volta a identificar-se com Marcos na descrição da manada de porcos que pastava próximo dali, na solicitação dos demônios para que fossem mandados para os animais, na aquiescência de Jesus, na queda da manada em um despenhadeiro e na fuga dos porqueiros terrificados diante do acontecido (v. 11-14). Em contraste, Mateus omite a informação de Marcos a respeito do número de porcos que compunham a manada: “cerca de dois mil” (v. 13). Excepcionalmente, Mateus amplia o comentário do narrador sobre a reação dos porqueiros (v. 33).

Os versículos 15 e 16 de Marcos, que informam o encontro do povo com Jesus e com o ex-endemoninhado, agora em perfeito estado, e o testemunho dos que presenciaram o acontecimento, são omitidos. O narrador retoma a narrativa a partir do versículo 17, com o pedido do povo para que Jesus se retirasse de sua terra, encerrando nesse momento o relato (v. 34). Suprime-se, assim, a continuação do texto marcano, que registra o pedido do homem para seguir Jesus, a orientação deste para que ele retornasse

para casa e anunciasse o que o Senhor havia feito por ele, a conclusão de que aquele homem passou a testemunhar em Decápolis e a conseqüente admiração de todos (v. 18-20). A maior parte do bloco eliminado está na forma de comentário narrativo.

#### 4.1.2. Ampliação dos diálogos e do discurso direto

Se o tópico anterior identificou a escolha do narrador mateano em sintetizar ou excluir comentários narrativos presentes no evangelho de Marcos, este item trabalha em sentido oposto. Identifica as ampliações efetuadas pelo narrador no evangelho de Mateus em relação à sua fonte maior na forma de diálogos e de discurso direto. Tais ampliações podem se manifestar de duas formas: ou há um acréscimo de material dentro de narrativas já existentes em Marcos, ou então o narrador inclui material totalmente novo, criando diálogos dentro de cenas não oriundas de Marcos. Neste caso, aquilo que se acrescenta provém da fonte Q ou é próprio de Mateus, fonte M. O exemplo citado abaixo inclui-se na primeira categoria.

Mateus	Marcos
<p>4.1-11</p> <p>1 A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo.</p> <p>2 E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome.</p> <p>3 Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães.</p> <p>4 Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.</p> <p>5 Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo</p> <p>6 e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterrão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra.</p> <p>7 Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus.</p> <p>8 Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles</p> <p>9 e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.</p> <p>10 Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto.</p> <p>11 Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram.</p>	<p>1.12-13</p> <p>12 E logo o Espírito o impeliu para o deserto, 13 onde permaneceu quarenta dias, sendo tentado por Satanás; estava com as feras,</p> <p>os anjos o serviam. <span style="float: right;">mas</span></p>

Talvez esses textos estejam entre aqueles onde há maior manipulação do narrador em sua fonte marcana. Nota-se neles que a forma descritiva de Marcos é alterada em profundidade por intermédio do acréscimo de diálogos em discurso direto por Mateus.

O texto base tem seu início (v. 12-13) mantido sem grandes alterações em Mateus (v. 1-2), mas a partir do versículo 3 ocorre a inclusão de material que se prolonga até parte do 11, quando Mateus retorna à segunda parte do versículo 13 de Marcos, relatando o final da tentação com a vinda de anjos para servir Jesus.

#### 4.1.3. Transformação do discurso indireto em discurso direto

A estratégia narrativa a ser demonstrada abaixo se aproxima daquela analisada no item 4.1.1 Redução dos comentários narrativos. A opção em explicitar a transformação do discurso indireto em direto se deve por ser ela mais aguda, na medida em que não diminui, mas transforma um tipo de comunicação em outro, do discurso contado para o relatado, segundo os propósitos de trazer o leitor para mais perto do personagem que discursa. Tal operação requer maior atenção do narrador por implicar em um procedimento naturalmente contrário à narração, isto é, aquele que dirige o enredo se coloca à margem dele. Por isso mesmo a transformação do discurso indireto de Marcos em direto em Mateus chama a atenção.

<b>Mateus</b>	<b>Marcos</b>
<p>15.22, 25</p> <p>22 E eis que uma mulher cananéia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada.</p> <p>25 Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me!</p>	<p>7.26</p> <p>26 Esta mulher era grega, de origem siro-fenícia, e rogava-lhe que expelisse de sua filha o demônio.</p>

A passagem descreve o encontro entre uma mulher cananéia e Jesus Cristo. O narrador em Mateus reorganiza o texto de Marcos ao tomar o discurso indireto pelo qual este informa o leitor que a mulher rogava a Jesus para que expelisse o demônio de sua filha (v. 26), dividindo-o em duas partes, em discurso direto, sendo o primeiro pedido colocado no momento do encontro: “Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada” (v. 22); e o segundo, após a aparente negativa de Jesus (v. 23-24), como reafirmação do pedido: “Senhor, socorre-me!” (v. 25).

#### 4.2. Estratégia discursiva

Nesse segundo grande bloco o narrador apresenta o protagonista de sua trama discursando. Esse ato é o momento no qual Jesus manifesta possuir maior conhecimento do que o próprio narrador. A mediação é mínima e por essa razão Stanzel chega a definir o discurso como “forma não-narrativa” (1986, p. 65, tradução nossa).

No discurso o leitor entra em contato direto com o orador. As informações, esclarecimentos e exortações vêm diretamente dos lábios de Jesus Cristo. Por decorrência, lembrando Robert Alter, no discurso o leitor é chamado a avaliar e refletir o conteúdo do que é dito.

Diferentemente do anterior, esse item não trabalha estratégias narrativas específicas. Portanto, não há necessidade de comparações sinóticas. Se feitas, elas focalizariam questões de conteúdo mais do que de opções retóricas de convencimento, o que as colocaria fora dos propósitos deste trabalho.

Característica dos diálogos e principalmente dos discursos é a ênfase no tempo presente em detrimento das formas do passado, centrais para a narrativa. Esse é o principal elemento a ser destacado neste ponto, visto não apenas como componente gramatical, mas como dado retórico atuante junto aos leitores por intermédio da comunicação lingüística. Para tanto, será utilizada a contribuição de Harald Weinrich em seu livro: *Estructura y Función de los Tiempos em el Lenguaje* (1974).

O autor trabalha com situações comunicativas. São exemplos típicos:

[...] o pedido de informação e a própria informação; um monólogo; o relato de uma história; a descrição de um objeto ou de uma cena; a composição e leitura de uma carta (naturalmente também há situações comunicativas escritas); um comentário; um sermão; uma discussão; a informação política de um jornal; um expediente; uma poesia lírica; o relato de um mensageiro; uma indicação cênica; uma conferência científica; um diálogo dramático; uma biografia [...] (1974, p. 62, grifo do autor, tradução nossa).

Segundo Weinrich, era de se esperar que nessas variadas formas de comunicação fossem utilizados tempos verbais aleatoriamente. Não é isso que ocorre, entretanto. Há certa afinidade entre determinadas situações e grupos verbais.

Considerada como situação comunicativa escrita, o romance mostra uma inequívoca inclinação para os tempos do grupo II, enquanto este livro, se o leitor o considerar por um momento como uma espécie de exposição científica, mostra uma preferência igualmente inequívoca pelos tempos do grupo I (Weinrich, 1974, p. 62-63, tradução nossa).

Os dois grupos temporais mencionados na citação são: Grupo I: presente, pretérito perfeito composto e futuro. Grupo II: pretérito perfeito simples, imperfeito e mais que perfeito (cf. WEINRICH, 1974, p. 96-98). Olhando de modo específico para textos literários, a presença dos grupos é analisada por Kaj Lindgren em uma pesquisa sobre contos citada por Weinrich. Ele a divide em relato do narrador e partes dialogadas. Graficamente se vê:

Relato do narrador:

Grupo temporal I: 3,8 % (151 casos).

Grupo temporal II: 89 % (3932 casos).

Partes dialogadas:

Grupo temporal I: 71 % (921 casos).

Grupo temporal II: 9,8 % (128 casos) (Lindgren, 1957, p. 20<sup>14</sup>  
*apud* Weinrich, 1974, p. 65, tradução nossa).

A observação acima aponta para o fato de que o pretérito é utilizado quando a palavra está com o narrador e o presente entra em cena quando ela é doada aos personagens. Acrescente-se que a mesma relação se manifesta em textos discursivos. A relevância da citação consiste em reconhecer que os tempos verbais são distribuídos segundo um padrão estabelecido e não de modo desordenado. Os tempos do grupo II são aqueles em que a situação comunicativa se dá na forma de narração. O grupo I, por sua vez, se manifesta nos diálogos. A classificação permite definições: “[...] vamos chamar os tempos do grupo II *tempos do mundo narrado* ou, abreviadamente, *tempos da narração*” (Weinrich, 1974, p. 67, grifo do autor, tradução nossa); “[...] o grupo I inclina-se para o comentário, para tratar das coisas. Vamos, pois, chamá-lo de *grupo de tempos do mundo comentado* e os tempos, *tempos comentadores*” (Weinrich, 1974, p. 69-70, grifo do autor, tradução nossa).

O grupo II recebe sua definição por empréstimo das características dos narradores, principalmente os contadores de histórias infantis. Para Weinrich, a imagem é de um velho sentado, após um dia de trabalho, movendo-se lentamente enquanto narra uma história a seus ouvintes. Ele se encontra totalmente relaxado. “Como nota geral da situação narrativa temos assinalado a atitude *relaxada* que, em relação ao corpo, é somente um sinal exterior do relaxamento do espírito e do discurso” (1974, p. 69, grifo do autor, tradução nossa).

Quanto ao grupo I, é caracterizado, em oposição, como “[...] a atitude *tensa*, tanto do corpo como do espírito, como nota geral da situação comunicativa não narrativa [...] Nela aquele que fala está em tensão e seu discurso é dramático porque se trata de coisas que o afetam diretamente” (Weinrich, 1974, p. 69, grifo do autor, tradução nossa).

Talvez se argumente que as definições acima se aplicam mais ao que profere o enunciado do que aquele que o ouve. No entanto, Weinrich esclarece que o processo se instala também entre os leitores.

Como sinal para que o ouvinte se conscientize de que se trata de algo que o afeta diretamente e que o discurso exige sua resposta, falada ou não, aquele que fala faz uso dos tempos do grupo I [...]. Os tempos do grupo II, ao contrário, podem ser interpretados pelo leitor ou ouvinte como sinal de que tem permissão para escutar durante um pouco de tempo, ou somente por um momento, com relativa participação, quer dizer, com tensão relaxada (1974, p. 70, tradução nossa).

Portanto, a relevância da identificação dos grupos verbais para os objetivos deste trabalho encontra-se, não na definição formal provinda da gramática, mas na situação comunicativa que propõem aos leitores. O pretérito perfeito, o imperfeito e o mais que perfeito convidam à distensão, ao relaxamento; enquanto o presente, o futuro e o pretérito perfeito composto despertam um estado de tensão entre os receptores.

---

<sup>14</sup> Lindgren, Kaj B. Über den Oberdeutschen Präteritumschwund. **Suomalaisen Tiedeakatemia Toimituksia**. Annales Academiae Scientiarum Fennicae, Helsinki, n. 1, v. 112, 1957.

A partir do que se construiu até este momento, deve-se negar que os discursos, segundo os estudiosos dos evangelhos, se constituam em um momento de comunicação menos tensa em relação à narrativa. Pelo contrário, os trechos narrativos em forma de diálogo e os discursivos em sua totalidade são tensos e trazem ao leitor o caráter de urgência vivencial em relação a seus conteúdos.

Há, portanto, elementos para afirmar que não é suficiente, embora seja um passo para sua compreensão, simplesmente identificar os discursos com a fala direta do personagem ao leitor. É vital compreender que a comunicação se constitui tensa, exigindo daqueles que se achegam ao texto respostas e posturas. Ao ampliar e acrescentar novos discursos, o narrador mateano produziu um texto profundamente engajado.

Deve-se dizer que a confluência entre discurso direto do personagem e a análise do tempo presente utilizado permite afirmar que o Cristo vivo entre os leitores do evangelho utiliza a transcrição de seus discursos não apenas para instruí-los, mas principalmente para levá-los a uma nova postura diante da vida. Dessa forma, antes de serem meros momentos de catequese ou instrução, os discursos são mecanismos poderosos para despertar os leitores à ação.

## 5. CONCLUSÃO

Mateus foi o evangelho mais querido pelos cristãos durante séculos. Seu lugar no cânon do Novo Testamento, como o livro a encabeçar a lista dos evangelhos, indica o *status* que ocupou nos primórdios do cristianismo. Entretanto, com novos estudos e a chegada do criticismo bíblico, o evangelho passou a ser considerado demasiadamente eclesiástico, excessivamente conservador e desinteressante em termos narrativos. Maior evidência do novo tratamento foi o fato de Mateus perder seu lugar de honra.

No entanto, o evangelho de Mateus não é um texto fraco e inexpressivo. Seu conteúdo não se limita ao arranjo de ensinamentos catequéticos para orientação de cristãos. Pelo contrário. Com a utilização da teoria literária pôde-se reconhecer que a estrutura do texto, bem como a identificação de estratégias literárias nele presentes, atuam como poderosas ferramentas de persuasão voltadas para os leitores.

Torna-se claro que, embora discreto e pouco visível no evangelho, o narrador é fundamental para que o texto obtenha êxito. A começar pela forma com a qual o organiza. Blocos narrativos se prestam para destacar as ações e palavras de Jesus Cristo. De igual forma, grandes discursos são configurados para realçar, no plano narrativo, as palavras proferidas por Jesus e, assim, apresentá-las diretamente aos leitores. A disposição da narrativa permite evoluir para a identificação de estratégias literárias que se manifestam nas divisões dos blocos.

Espera-se que o trabalho tenha demonstrado como o evangelho de Mateus é um texto retoricamente forte. O destaque a Jesus Cristo, o ocultamento narrativo, a convocação para que o leitor preencha espaços de sentido conscientemente deixados em branco, são recursos que indicam alto nível de labor literário. Ao reconhecê-los se fará justiça ao narrador e ao evangelho.

Ler um livro com novos olhos ou novas abordagens permite trilhar caminhos diferenciados. O que se fez neste trabalho foi exatamente isso. A partir de um texto com quase dois mil anos, lido e interpretado por gerações de homens e mulheres, cristãos ou não, procurou-se, com o suporte da teoria literária, compreender sua dinâmica de comunicação e persuasão. Com isso, prestou-se contribuição aos estudiosos do evangelho, aos críticos literários e aos simples leitores que encontrarão, não mais um texto meramente catequético, mas uma obra vigorosa que apresenta, mediante a perícia do narrador, a proposta de convivência com um personagem especial – Jesus Cristo, Emanuel.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGUIAR, Flávio (2004). “Ressonâncias da Bíblia na literatura”. In: Frye, Northrop, *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, pp. 273-280.
- ALAND, Barbara *et alii* (orgs) (1993). *Novum Testamentum Graece*. 27. aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft.
- ALTER, Robert. (1981). *The Art of Biblical Narrative*. New York: Basic Books.
- AUNE, David E. (1987). *The New Testament in its Literary Environment*. Philadelphia: The Westminster Press.
- AUNEAU, J., *et alii* (1986). *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. 2. ed. Tradução de M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1986 (Biblioteca de Ciências Bíblicas).
- BARBAGLIO, Giuseppe (1990). “O evangelho de Mateus”. In: Barbaglio, G.; Fabris, Rinaldo; Maggioni, Bruno (orgs.), *Os evangelhos (I)*. Tradução de Jaldemir Vítório (Mt) e Giovanni di Biasio (Mc). São Paulo: Loyola, pp. 35-420.
- BEARE, Francis W. (1981). *The Gospel According to Matthew*. Peabody: Hendrickson.
- BERGER, Klaus (1998). *As formas literárias do Novo Testamento*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola.
- BÍBLIA Sagrada. 2. ed. Revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BROWN, Raymond E (2004). *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de Fr. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas (Coleção Bíblia e História, Série MAIOR).
- BULTMANN, Rudolf (1963). *History of the Synoptic Tradition*. Translated by John Marsh. Revised ed. Peabody: Hendrickson.
- \_\_\_\_\_. (2004). *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Ilson Kayser. São Paulo: Teológica.
- BURRIDGE, Richard A. (1999). *What Are the Gospels? A Comparison with Graeco-Roman Biography*. New York: Cambridge University Press.
- CANDIDO, Antonio (2000). *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha (Grandes nomes do pensamento brasileiro).
- CARTER, W. (2002). *O evangelho de São Mateus: comentário sócio-político e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus (Série: Grande Comentário Bíblico).

- CROSSAN, John Dominic (2004). *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas.
- DAL FARRA, Maria Lúcia (1978). *O narrador ensimesmado: o foco narrativo em Virgílio Ferreira*. São Paulo: Editora Ática.
- ECO, Umberto (2001). *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras.
- FREYNE, Sean (1996). *A Galiléia, Jesus e os evangelhos: enfoques literários e investigações históricas*. Tradução de Tim Noble. São Paulo: Loyola (Coleção Bíblica Loyola 18).
- FRYE, Northrop (2004). *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo.
- GENETTE, Gerard (1995). *Discurso da narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega.
- HAGNER, Donald A. (1993). *Matthew 1-13*. Dallas: Word Books, 1993, v. 1 (Word Biblical Commentary).
- JAKOBSON, Roman (1999). *Linguística e comunicação*. 22. ed. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix.
- KÖSTER, Helmut (1988). *Introducción al Nuevo Testamento: Historia, cultura y religión de la época helenística e historia y literatura del cristianismo primitivo*. Tradução de Javier Lacarra y Antonio Piñero. Salamanca: Ediciones Sígueme, (Biblioteca de Estudios Bíblicos, n. 59).
- KÜMMEL, Werner George (1982). *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de João Paixão e Irmã Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas.
- LESKY, Albin (1969). *Historia de la Literatura Griega*. Versão espanhola de José Maria Díaz Regañon e Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos.
- LUZ, Ulrich (1993). *El evangelio segun san Mateo: Mt 1-7*. Tradução de Manuel Olasagasti Gaztelumendi. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1993, v. I (Biblioteca de estudios bíblicos 74).
- MOMIGLIANO, Arnaldo (1993). *The Development of Greek Biography*. Expanded ed. Cambridge: Harvard University Press.
- MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico (1996). *História da literatura cristã antiga grega e latina: I – de Paulo à era constantiniana*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Loyola.
- MOULE, C. F. D. (1979). *As origens do Novo Testamento*. Tradução de Josué Xavier. São Paulo: Paulinas.
- PLUTARCO (1992). *Vidas paralelas*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso. São Paulo: Paumape, v. 4.
- POWELL, Mark Allan (1990). *What is Narrative Criticism?*. Minneapolis: Fortress Press (Guides to Biblical Scholarship).
- RICOEUR, Paul (1978). "The Narrative Fuction". In: *Semeia*, Atlanta, v. 13, n. 1, pp. 177-202.
- RIENECKER, Fritz (1998). *Evangelho de Mateus*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança (Comentário Esperança).
- SCHOLES, Robert; KELLOGG, Robert (1977). *A natureza da narrativa*. Tradução de Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.

- STANTON, Graham N. (1992). *A Gospel for a New People: Studies in Matthew*. Louisville/Kentucky: Westminster/John Knox Press.
- \_\_\_\_\_. (1974). *Jesus of Nazareth in New Testament Preaching*. Cambridge: Cambridge University Press.
- STANZEL, Franz Karl (1986). *A Theory of Narrative*. Translated by Charlotte Goedsche. Cambridge: Cambridge University Press.
- TALBERT, Charles H. (1992). "Biography, Ancient". In: Freedman, David Noel (org.), *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, v. 1, pp. 745-749.
- \_\_\_\_\_. (1988). "Once Again: Gospel Genre". In: *Semeia*, Atlanta, n. 43, p. 53-73.
- \_\_\_\_\_. (1977). *What Is a Gospel? The Genre of the Canonical Gospels*. Philadelphia: Fortress.
- WEINRICH, Harald (1974). *Estructura y Función de los Tiempos en el Lenguaje*. Tradução de Federico Latorre. Madri: Editorial Gredos (Biblioteca Románica Hispánica).